



O ADVOGADO FERNANDO DA SILVA PEREIRA OBSERVA TÚMULO DOS PAIS, VIOLADO DE NOITE: CEMITÉRIO TEM APENAS DOIS FUNCIONÁRIOS PARA VIGIAR ÁREA DE 1,5 MILHÃO DE METROS QUADRADOS

Sepulturas arrombadas

Ullisses Campbell
Da equipe do *Correio*

A criminalidade não dá descanso nem aos mortos. Mais de 100 sepulturas de 20 quadras do Cemitério Campo da Esperança foram violadas na madrugada de ontem. Setenta e oito delas já foram periciadas pelo Instituto de Criminalística da Polícia Civil do DF. O motivo para a violação ainda é um mistério. Até agora os investigadores trabalham com a hipótese de roubo de dentes de ouro, já que só foram arrombados túmulos antigos.

O crime parece um ritual. Todas as sepulturas escolhidas têm lápide de granito. Os ladrões arrombaram essa tampa, quebraram a laje tumular que veda o compartimento em que está o caixão e fizeram um buraco na urna na altura da cabeça do cadáver. Por esse buraco, eles retiraram o crânio e arrancaram as arcadas dentárias.

Quando o militar Antônio Caddah foi visitar o túmulo do pai, Jorge Miguel Caddah, ontem à tarde, ele levou um susto. A tampa de granito estava solta e a mandíbula do cadáver estava em cima da segunda laje. "Eles arrancaram o crânio e deixaram o maxilar do lado de fora", queixa-se Antônio. O pai dele morreu de acidente vascular cerebral e foi enterrado no dia 28 de janeiro de 1989. Segundo parentes, Jorge Miguel não usava dentes de ouro. O cadáver está sepultado na quadra 611.

A funcionária pública Maria do Rosário Lima, 50 anos, também ficou chocada ao ver violado o túmulo do marido, Antônio Alves de Lima, violado. Os restos mortais estavam expostos e quem passava perto se deparava com partes do cadáver. Maria saiu do cemitério em prantos, e foi direto para a delegacia registrar ocorrência. "Nunca vi tanto desrespeito. Ele não foi enterrado com dentes de ouro nem na-

da de valor", diz Maria do Rosário. Antônio morreu num acidente de carro está enterrado na quadra 613.

No túmulo dos pais do advogado Fernando da Silva Pereira, na quadra 606, dois cadáveres foram vilipendiados. A lápide de granito foi arrancada. Levaram até as jardineiras. A segunda laje foi destruída e os caixões

também foram perfurados na altura da cabeça dos cadáveres. O pai, Lafayette Rodrigues, morreu aos 72 anos em 1987 após fazer uma cirurgia. A mãe, Maria Helena da Silva, morreu de causa natural em 1997 aos 77 anos. "Nós só fomos avisados porque o rapaz encarregado da limpeza ligou avisando", conta Fernando. Ele também registrou ocorrência na delegacia.

Na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), dez ocorrências foram registradas somente ontem. Sete delas de familiares e três da própria administração do cemitério. Em apenas uma delas, o funcionário do cemitério Antônio Iramis Alves Brito mencionou a violação de 50 sepulturas. Ele será o primeiro a ser ouvido pela polícia na investigação sobre o

crime. Hoje, outras sepulturas serão periciadas. "Nós atestamos que só há vigilante na área da capela. No campo, onde estão as sepulturas, não há nenhum guarda", disse o escrivão Cláudio Tusco, da 1ª DP.

O vigilante Aldo Alves, da empresa Patrimonial, que faz a segurança do Cemitério Campo da Esperança, confirmou que há apenas dois vigias para toda a área, que tem mais de 1,5 milhão de metros quadrados. "Depois de seis da tarde, ninguém passa pelo portão para a área onde estão as sepulturas", diz Aldo. No entanto, boa parte da cerca do cemitério voltada para o Setor Policial está quebrada.

O gerente de necrópoles da Secretaria de Ação Social, Ricardo de Franco, não sabia da violação das sepulturas no Campo da Esperança até o início da noite. Ele disse que a responsabilidade pelas sepulturas é da empresa que administra o cemitério.

MÚLTIPLOS CRIMES

Quem se dá ao trabalho de entrar num cemitério para roubar um cadáver pode cometer três crimes. O primeiro é de violação de sepultura. Previsto no artigo 210 do Código Penal, esse crime prevê pena de um a três anos de reclusão. O segundo é de vilipêndio de cadáver, que dá de um a três anos de detenção mais multa. O terceiro crime é de furto qualificado, que dá de dois a oito anos de cadeia.